



MÊS DA BÍBLIA 2021
“Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28)

Introdução

O lema escolhido para o mês da Bíblia deste ano de 2021, quando celebramos os 50 anos do mês da Bíblia, foi tirado da Carta aos Gálatas: *“Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”* (Gl 3,28). Relaciona-se intimamente com o lema já refletido na Campanha da Fraternidade Ecumênica: *“Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade”* (Ef 2,14).

Ambos apontam para o tema da unidade entre todos os cristãos e cristãs. Esta é a característica fundamental dos seguidores e seguidoras de Jesus: viver e promover a unidade na diversidade, tendo em vista a liberdade e a vida digna para todas as pessoas.

Para isso, é necessário superar todo legalismo excludente para acolher o amor gratuito de Deus. Ele não faz discriminação de pessoas. Por sua graça todas as pessoas são chamadas à vida plena.

*“Pois todos vós
sois um só
em Cristo Jesus”*



A Carta aos Gálatas

Conforme o livro de Atos dos Apóstolos foi durante a segunda viagem missionária que Paulo e Timóteo atravessaram a região da Galácia rumo à Macedônia, impelidos pelo Espírito Santo (cf. At 16,6-10).



A região da Macedônia fica no continente europeu. Antes de chegar a este destino Paulo e Timóteo passaram por diversas cidades do continente asiático, pertencentes à Província da Galácia (atual Turquia): Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe.

Em cada uma das cidades, os missionários anunciaram o Evangelho de Jesus Cristo e, antes de partirem, deixaram organizada uma comunidade judaico-cristã, isto é, de seguidores e seguidoras de Jesus, provindos da cultura judaica e da greco-romana.

Paulo sempre acompanhou a vida destas comunidades com muito interesse, pois se sentia responsável por cada uma delas como uma mãe que gera e educa os seus filhos (Gl 4,19). Preocupava-se, sobretudo, com a vivência da autêntica fé em Jesus Cristo. Por isso, quando não podia estar pessoalmente presente, escrevia cartas para orientar e animar os cristãos a permanecerem firmes no caminho do verdadeiro Evangelho que ele confessa ter recebido por revelação divina (Gl 1,11-16).

Problemas e desafios nas comunidades dos Gálatas

Paulo escreveu a Carta aos Gálatas, ao redor dos anos 53-55, durante a sua terceira viagem missionária. Encontrava-se em Éfeso, onde permaneceu durante dois anos (cf. At 19,1-10). Alguns problemas afetavam as comunidades judaico-cristãs da Galácia. Um destes problemas referia-se à dificuldade de adequação à nova proposta de convivência entre todos, sem discriminação de raça, de sexo ou de classe social. No entanto, alguns judeu-cristãos, fieis ao sistema judaico de pureza, questionavam o ensinamento de Paulo e pregavam a necessidade do cumprimento das leis judaicas, incluindo a circuncisão também para os gentio-cristãos. São conhecidos como “judaizantes”. Paulo conhecia muito bem o sistema judaico e sabia como ele poderia interferir no relacionamento entre os participantes das comunidades cristãs.

Repercutiria em questões cotidianas: regras referentes à alimentação; rituais provenientes do sistema de pureza; discriminação das mulheres, dos pobres, dos doentes, dos escravos e dos estrangeiros; sobretudo afetaria a proposta da comunhão de mesa, comensalidade aberta a todos, expressão de irmandade sem exclusão. Nesta questão Paulo conta que, em certa ocasião, chegou a repreender o apóstolo Pedro em público, pois diante de alguns judeus fingiu não relacionar-se com gentios (Gl 2,11-14).



A pregação dos judaizantes exercia forte influência sobre os participantes das comunidades judaico-cristãs da Galácia. Seria um retrocesso inadmissível para Paulo, uma volta à escravidão ao legalismo judaico, uma ameaça ao autêntico Evangelho por ele anunciado e pelo qual daria a sua própria vida. Diante desta situação, escreveu de forma clara e apaixonada, explicitando as bases fundamentais deste Evangelho. Um pouco mais tarde, na carta aos Romanos, ele aprofundará este tema com mais reflexão.



Ideias centrais

Três ideias centrais perpassam a Carta aos Gálatas: a unidade na diversidade, a liberdade em Jesus Cristo e, como consequência, o amor gratuito.

1. Unidade na diversidade

De fato, todos vocês são filhos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus. Pois todos vocês que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há mais judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus (Gl 3,26-28).

A partir de sua adesão a Jesus Cristo, Paulo mudou seu modo farisaico de ver a Deus, bem como de interpretar a Sagrada Escritura e de se relacionar com os outros. Entendeu que todas as pessoas são filhas de Deus, chamadas à liberdade e vida pela fé em Jesus Cristo, fonte de bênçãos para todos os povos.

A fé comum em Deus, Pai de todos, faz com que as pessoas se aproximem, se conheçam, dialoguem e se acolham mutuamente. Por isso, Paulo, com toda a convicção, dirige-se aos gálatas chamando-os de irmãos e desejando-lhes “*graça e paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo...*”. Por três vezes Deus é invocado como “*Pai*” nos primeiros cinco versículos. *O Pai de todos os povos não faz acepção de pessoas, conforme revelado de forma plena em Jesus Cristo que “se entregou a si mesmo pelos nossos pecados”* (cf. Gl 1,1-5).

Desta concepção de fé decorre a nova visão de Paulo quanto à relação que deve ser promovida entre os povos: em Jesus Cristo são superadas todas as barreiras que separam as pessoas, seja por questões étnicas: “*não há*

mais judeu nem grego”; seja por divisões sociais: “*não há escravo nem livre*”; seja por discriminação de gênero: “*não há homem nem mulher*”. Está aberta, assim, a possibilidade concreta de uma nova humanidade. A circuncisão e as demais prescrições discriminatórias não são mais critérios para a pertença ao povo da Aliança.

Este texto de Gálatas 3,26-29 é central de toda a carta. Corresponde a um hino batismal primitivo, assumido por Paulo para exprimir a sua convicção básica de que Jesus Cristo estabeleceu a unidade de todos os filhos e filhas de Deus espalhados pelo mundo.

2. Liberdade em Cristo Jesus

É para a liberdade que Cristo nos libertou. Fiquem firmes, portanto, e não se deixem prender de novo ao jugo da escravidão (Gl 5,1).

Os judaizantes lançavam dúvidas sobre a pessoa de Paulo, sobretudo referente à sua autoridade de apóstolo e sobre o Evangelho por ele pregado, considerando-o traidor das verdadeiras tradições. Ora, Paulo reafirma sua função legítima de apóstolo e a autenticidade do Evangelho que anuncia a todas as nações, pois para esta missão foi chamado por Deus. Tinha plena convicção de que a Lei judaica havia cumprido a sua função de ser um caminho preparatório para a vinda do Messias. Foi o tempo da menoridade. Assim como uma criança necessita de um pedagogo para educá-la, do mesmo modo a lei exerceu esta função para o povo de Israel. Agora, com a vinda do Messias chegou o tempo da maioridade. Em Jesus Cristo revelou-se a graça da justificação e da salvação de Deus para todos os povos, sem depender do cumprimento das prescrições da Lei. “*Porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu inutilmente*” (Gl 2,21).

Diante da ameaça à autenticidade da fé em Jesus Cristo, Paulo condena com toda a veemência os que pretendiam judaizar as comunidades de seguidores e seguidoras de Jesus. “Eles estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o Evangelho de Cristo. Maldito seja aquele que anunciar a vocês outro evangelho...”. Este “outro evangelho” é a introdução de uma prática legalista que anula a liberdade que Cristo trouxe e impede a prática do amor mútuo (cf. Gl 1,6-10).

Com base na experiência pessoal de Paulo podemos perceber em que consiste concretamente a liberdade que Cristo trouxe. Pelo que foi exposto acima, constata-se que a primeira experiência de liberdade refere-se à Lei judaica que atribuía ao ser humano a capacidade de salvar-se mediante as obras, submetendo-se ao legalismo. A realidade, porém, demonstra que nenhuma pessoa alcança a justiça, a salvação e a vida através de suas observâncias. A vinda do Messias inaugurou um novo Israel, um novo povo de Deus, não mais com base na etnia nem na observância da Lei e sim na fé em Jesus Cristo que age por meio do amor, sob a guia do Espírito (cf. Gl 5,14-18).

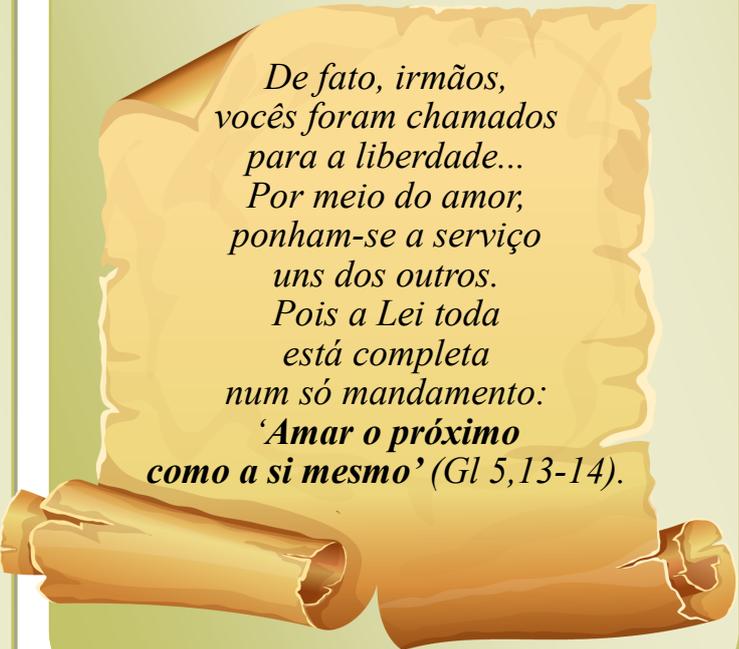
A segunda experiência de liberdade refere-se ao sistema romano. Paulo, em sua missão, enfrentou conflitos de toda ordem: processos, condenações, prisões... Conhecia as cidades greco-romanas que se orgulhavam de suas liberdades e, no entanto, mais da metade de sua população era escrava a serviço dos interesses dos “homens livres”. Somente estes homens eram considerados cidadãos e podiam participar da Assembleia Popular (Ekklesia). As mulheres, escravos e estrangeiros eram excluídos. Ao contrário a liberdade na Ekklesia de Deus (Igreja: comunidades de discípulos e

discípulos de Jesus) caracteriza-se pela participação de todos numa relação de irmandade, vivenciada a partir da fé e celebrada na ceia comum.

Paulo também experimentou a liberdade diante dos “notáveis” apóstolos, líderes da Igreja de Jerusalém. Convicto de que sua vocação veio diretamente de Cristo, dirige-se sem constrangimento a Pedro, a Tiago e a João, os quais lhe estenderam as mãos em sinal de comunhão e lhe deram a aprovação para o seu ministério junto às nações (cf. Gl 1,11 - 2,14). Exerceu sua missão com autonomia mantendo-se aberto ao diálogo com os apóstolos de Jerusalém, sem a preocupação de agradá-los, tendo a convicção de ser também apóstolo, servo de Cristo e do seu Evangelho.

Por último, Paulo experimenta a liberdade em sua própria pessoa. Sente que é limitado, solidariza-se com os fracos e pecadores, com as dores e angústias do mundo. Pela força do Espírito ultrapassa as contradições que experimenta em si próprio e entrega-se à graça de Cristo a ponto de declarar: “*Estou crucificado com Cristo. E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim*” (Gl 2,19b-20).

3. Amor gratuito



*De fato, irmãos,
vocês foram chamados
para a liberdade...
Por meio do amor,
ponham-se a serviço
uns dos outros.
Pois a Lei toda
está completa
num só mandamento:
'Amar o próximo
como a si mesmo' (Gl 5,13-14).*

A liberdade se evidencia na responsabilidade, fraternidade e cidadania, ou seja, na autêntica vida cristã em todos os seus aspectos. Jesus inaugurou um tempo novo. O tempo do Espírito que se expressa num novo modo de viver, que se resume no amor sem fronteiras. O Espírito Santo habita em cada pessoa e lhe concede os dons necessários para uma vida segundo o Evangelho de Cristo. Isto implica na renúncia das “obras da carne” e na adesão às “obras do Espírito” como desdobramento do amor fraterno. A liberdade em Jesus Cristo não pode ser pretexto para agir segundo os impulsos egoístas (cf. Gl 5).

A fé é ativa. Manifesta-se na vivência do mandamento-síntese de toda a Lei: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”* (Gl 5,14). É a norma geral para a *“fé que atua na caridade* (Gl 5,6.13) e produz os frutos do Espírito em nós: *“amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, mansidão e autodomínio”* (Gl 5,22-23). Significa, portanto, agir em favor da vida digna sem exclusão. Implica também em tornar-se responsável pelo comportamento do próximo, corrigindo-o se necessário e *“carregando os fardos uns dos outros”*, com a consciência de que ninguém é superior aos demais e com a responsabilidade de envolver-se nas questões sócio-políticas, em vista da inclusão, especialmente das vítimas do sistema dominante: escravos, mulheres e estrangeiros. Assim como Jesus entregou sua vida por amor, também os seus seguidores e seguidoras devem colocar-se a serviço uns dos outros (cf. Gl 6,1-10).



*“Amarás o teu próximo
como a ti mesmo”
(Gl 5,14).*

Consideração final

Ao longo de toda a Carta aos Gálatas, visando esclarecer e confirmar o verdadeiro Evangelho, Paulo dá o testemunho de sua adesão a Jesus, o Messias (cf. Gl 1,15). Porém, não como a corrente oficial do judaísmo que concebia o Messias de Yahweh, o Filho de Deus, como um rei poderoso, da linhagem de Davi, que derrotaria os inimigos e estabeleceria seu reino de poder e glória (cf. Sl 2,6-9; 2Sm 7,12-16). Pelo contrário, o Messias acolhido por Paulo segue outra corrente: a do servo sofredor conforme descrito pelo Segundo Isaías (Is 53,7-8) que corresponde a do justo rejeitado da tradição sapiencial (cf. Sb 2,12-20). Assume então a fé em Jesus Cristo crucificado como o verdadeiro Messias, depositando nele toda a confiança: *“Quanto a mim não pretendo jamais gloriar-me a não ser na cruz de Cristo”* (Gl 6,14). Mais do que isso, vive a cruz na sua vida pessoal a ponto de identificar-se com Jesus: *“Estou crucificado com Cristo. E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim”* (Gl 2,19-20). Do mesmo modo, instrui os membros das comunidades para que renunciem a toda atitude que impeça o bom relacionamento: *“Os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne junto com suas paixões e desejos... Não nos tornemos arrogantes, provocando uns aos outros e invejando-nos mutuamente”* (Gl 5,24.26).

Jesus crucificado é a chave por excelência que abre à compreensão do que Paulo denominava de “verdadeiro Evangelho” pelo qual dedicou toda sua vida em meio a sofrimentos de toda ordem (cf. 2Cor 11,16-33). Compreendeu a Boa Notícia da gratuidade da salvação que Jesus trouxe para todas as nações. Compreendeu que a prática do amor é o único caminho para Deus, fonte de vida e de liberdade para todos os homens e mulheres, superando o

ritualismo, os preconceitos, o autoritarismo e a arrogância.

Esta convicção de Paulo foi amadurecendo ao longo de sua experiência como discípulo missionário de Jesus Cristo em contato com as pessoas sofredoras e excluídas, tanto pelo sistema religioso judaico como pelo sistema político imperial. Impele-nos a nos interrogar sobre a evangelização a ser desenvolvida tendo em vista a liberdade que Cristo nos trouxe; uma

evangelização que proporcione a saída do estado de dependência a normas e ritos para uma resposta de amor consciente e gratuito a partir das pessoas em situação de sofrimento. À luz do que Jesus nos revelou, Deus não se identifica com religião, com instituição eclesíastica, com doutrina, com teologia ou com outra coisa. Deus é Amor! (cf. 1 Jo 4,8.16). Em resumo, as palavras de Paulo, na Carta aos Gálatas, querem despertar a fé que age pelo amor (Gl 5,6).

Bibliografia

- BORTOLINI, José. **Como ler a Carta aos Gálatas: Evangelho é liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- CENTRO BÍBLICO VERBO. **O Evangelho de Jesus Cristo crucificado: “É para a liberdade que Cristo nos libertou”** (Gl 5,1) – Entendendo a Carta aos Gálatas. São Paulo: Paulus, 2021.
- COMBLIN, José. Paulo e a cruz de Jesus. **Revista de interpretação bíblica latino-americana**, n. 20. Petrópolis: Vozes & São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 54-61.
- . Paulo e a mensagem de liberdade. **Revista Estudos Bíblicos**, n. 14. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 64-69.
- FABRIS, Reinaldo. **Paulo apóstolo dos gentios**. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 437-449.
- GIAVINI, Giovanni. **Gálatas: Liberdade e lei na Igreja**. Col. Pequeno Comentário Bíblico – NT. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. **Carta de São Paulo aos Gálatas: “Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”** (Gl 3,28d). Col. Palavra na Vida, n. 392. São Leopoldo: CEBI, 2021.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

Para aprofundar

Ler Gl 5,1-16 e identificar:

1. Qual é a mensagem central do texto?

Qual o conflito que Paulo enfrenta?

Quem são os principais adversários de Paulo?

O que nos faz perder a liberdade?

O que significa viver a Liberdade cristã?

2. Em nossa comunidade o que identificamos como obras da carne e frutos do Espírito?

3. Que lições podemos tirar a partir deste texto?

Ler e repetir para guardar no coração: Gl 3,26-29.



facasc
FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA

FACULDADE
CATÓLICA
DE SANTA
CATARINA



NEB

Núcleo de Estudos e Pesquisa
em Bíblia Pe. Ney Brasil Pereira

Imagens: depositphotos.com
Editoração: Domingos Nandi